



Introdução ao diário de viagem

Prof. Teresita Valdettaro

Diários de viagem – Prêmio Antártica
Concurso de escrita e ilustração

OEI



Secretaría de Malvinas,
Antártida y Atlántico Sur



Ministerio de Relaciones Exteriores,
Comercio Internacional y Culto
Argentina

O que é um diário de viagem?

O diário de viagem é um relato autobiográfico escrito. Nele, combina-se o discurso narrativo e o descritivo, no qual o autor ou a autora registra os fatos relativos à sua pessoa e a seu ambiente, ocorridos em cada jornada, ao longo de um determinado período de sua vida, durante um percurso empreendido que resulta interessante para seu público.

Este subgênero literário está muito relacionado com o diário íntimo, tanto que, em ocasiões, ambas as modalidades coexistem em um mesmo texto.

O diário de viagem pode ser o reflexo de um trajeto histórico real, por exemplo, o Diário de bordo, de Cristóvão Colombo, ou completamente fictício, como o Diário de un cazador, de Jorge Accame.

(Adaptada del *Diccionario de términos literarios* de D. Estébanez Calderón, Madrid, Alianza, 1999)

O diário de Anne Frank

Escrito por um adolescente holandês de ascendência judaica que morreu no campo de concentração de Bergen-Belsen em 1945.



12 de junho de 1942. Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim.

...

Sexta-feira, 21 de agosto de 1942. Querida Kitty: A entrada do nosso esconderijo já foi devidamente disfarçada. O sr. Kraler achou melhor colocar uma estante de livros diante da nossa porta (porque muitas casas estão sendo revistadas em busca de bicicletas escondidas). É claro que a estante tem que ser removível, para que possa ser aberta, como uma porta. O sr. Vossen foi quem construiu o móvel, sozinho. Desde que ele compartilhou nosso segredo, não sabe o que fazer para nos ajudar. Agora, se quisermos descer, teremos primeiro que nos agachar e depois dar um pulo, porque o degrau foi retirado. Nos primeiros dias fomos todos agraciados com alguns galos na cabeça de tanto bater no batente da porta. Finalmente resolvemos pregar ali um pano cheio de serragem. Vamos ver se assim melhora.

...

28 de setembro de 1942 (adicionado). Essa forma de escrever no meu diário me agrada muito mais e agora tenho dificuldade em esperar o momento de sentar para escrever sobre você. Estou tão feliz por ter trazido você comigo!

Do diário
de Delfina Bunge



6 de janeiro de 1901.

Parece que estivéssemos sozinhos no mundo em um desolado deserto de pedras. Mamãe e Júlia tiveram vontade de chorar. E não me faltaram, quando perguntei ao proprietário do hotel sobre o piano, ele respondeu: “não há nenhum”. “Mas quem pensaria em chamar Primavera a este terreno baldio?”, pergunta mãe.

O Uritorco, aquele monstro da natureza, taciturno, inconvulsível em suas cores escuras e formas sombrias, está lá, sempre escondendo o horizonte com seus mil metros de altura. Eu quisesse ter uma força ou arma gigante para exigir-lo a retroceder ou desfazê-lo em mil pedaços; sua presença pesa muito e parece escurecer o dia. O que faremos aqui, sem piano, sem amigos, sem sociedade e com apenas a metade da família? “Vamos nos dedicar à literatura”, dizemos com Júlia. “Vou fazer versos”, diz ela. Eu me contentarei com a prosa.

Relatos famosos de viagens

- Marco Polo, mercador veneziano do século XIV. Seu Livro das maravilhas inspirou Cristóvão Colombo.
- Cristóvão Colombo, que chegou ao continente americano em 1492. Possuímos seus diários e suas cartas de navegação.
- Antonio Pigafetta, companheiro de Magalhães, que descreve *A primeira volta ao mundo*, concluída em 1522.
- Charles Darwin, realiza sua Viagem ao redor do mundo e desembarca na América do Sul em 1832. Percorre o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Chile. Em sua *Viaje a la Patagonia Austral* (1876-1877), o argentino Francisco Perito Moreno reproduz algumas das explorações de Darwin.
- Delfina Bunge, uma escritora argentina, *porteña*, em seus *Diarios* proporciona suas impressões sobre diferentes lugares do país, no início do século XX

A jornada de Cristovão Colombo começa



Sexta-feira, 3 de agosto

Partimos quinta-feira, aos 3 dias de agosto de 1492, da barra de Saltes, às oito horas. Avançamos umas sessenta milhas, com grande exaltação até o pôr-do-sol, em direção ao sul, o que vem a dar quinze léguas; depois a sudoeste e, ao sul, quarta do sudoeste, que era o caminho para as Canárias.



Chegada em San Salvador, ilhas Bahamas

Sábado, 13 de outubro.

Assim que amanheceu, veio até à praia uma porção desses homens, todos jovens, como já disse, e todos de boa estatura. E gente muito bonita: os cabelos não são crespos, mas lisos e grossos, como cerdas de cavalo, e todos de rosto e cabeça bem mais largos que qualquer geração que tenha visto até agora, com olhos muito bonitos e nada pequenos (...). Todos, sem exceção, têm pernas bem torneadas, e nenhum tem barriga, a não ser muito bem-feita. Vieram até a nau em pirogas, feitas do tronco de uma árvore, como um barco comprido e de um só pedaço, e lavradas que eram uma maravilha, segundo o costume local, e tão grandes que algumas continham quarenta ou quarenta e cinco homens, e outras, menores, onde inclusive cabia apenas uma pessoa. Remavam com uma pá semelhante às de forno e correm que dá gosto; e quando emborcam, todos logo se põem a nadar para endireitá-las, esvaziando-as com cabaças que levam junto com eles. Traziam novelos de algodão desfiado, papagaios, lanças e outras ninharias que seria cansativo enumerar, querendo trocar por qualquer coisa que a gente desse. E eu estava atento, me esforçando para saber se havia ouro, e vi que alguns traziam um pedacinho pendurado num furo que têm no nariz e, por sinais, consegui entender que indo para o sul ou contornando a ilha naquela direção, encontraria um rei que tinha grandes taças disso e em vasta quantidade.

Características estruturais e formais

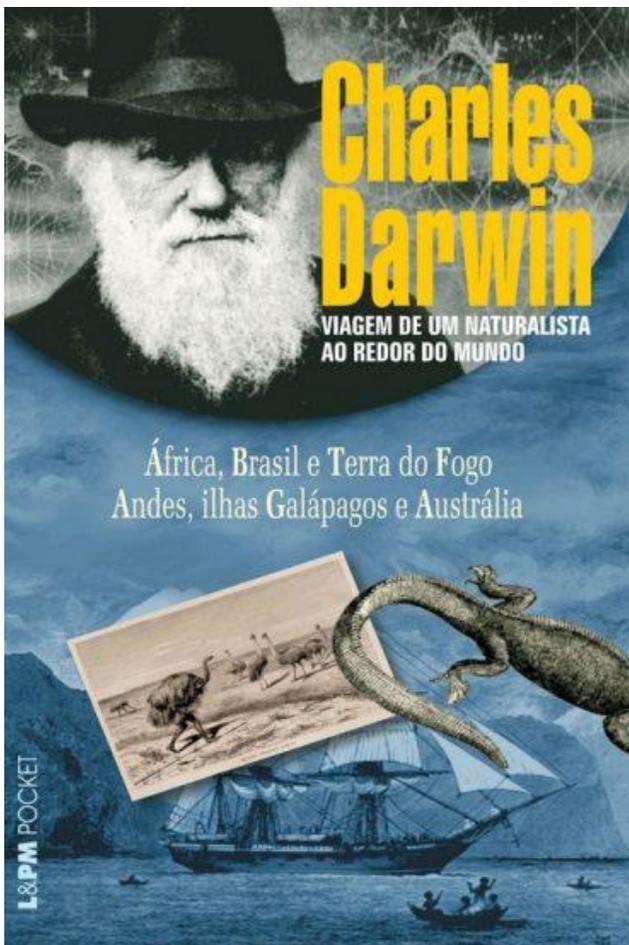
- Relato em primeira pessoa. Quem escreve conta aquilo que ocorre com ele mesmo, registrando também seus comentários, sensações, recordações e sentimentos.
- O texto se divide em “entradas”: apontamentos ordenados cronologicamente, indicando a data em que se realiza cada uma.
- Dá-se preferência aos tempos verbais presente, pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo, já que são narrados acontecimentos recentes.
- O estilo é coloquial, com frequentes omissões e frases curtas. Não é necessário contar tudo, só aquilo que seja de interesse.
- Tendência às anotações breves, pela necessidade de descanso.
- Como se percorrem territórios desconhecidos, abundantes dados geográficos, históricos, climáticos, etc., são proporcionados.

Charles Darwin

*Viagem de um naturalista ao Redor do
Mundo*

SANTIAGO.- ILHAS DE CABO VERDE.

Depois de ser duas vezes rechaçado por terríveis tempestades de sudoeste, o H.M.S. Beagle, brique de dez canhões, sob o comando do capitão Fitz Roy, da marinha real, zarpou de Devonport em 27 de dezembro de 1831. O objetivo da expedição era: completar o estudo das costas da Patagônia e da Terra do Fogo (estudo iniciado sob as ordens do capitão King, de 1826 a 1830) – mapear as costas do Chile, do Peru e de algumas ilhas do Pacífico, e, por último, fazer uma série de tomadas cronométricas ao redor do mundo. Em 6 de janeiro chegamos a Tenerife, onde fomos impedidos de desembarcar, devido ao temor de que trouxéssemos o cólera. Na manhã seguinte vimos a alvorada atrás da linha irregular da ilha Grande Canária, iluminando subitamente o pico de Tenerife, enquanto a parte inferior da ilha permanecia ainda oculta por nuvens aveludadas. Este foi o primeiro de tantos dias deliciosos para nunca mais serem esquecidos. Em 16 de janeiro de 1832, ancoramos em Porto-Praia, em Santiago, a maior das ilhas do arquipélago de Cabo Verde.



**Tempestade elétrica
no estuário do Prata**

5 de julho, 1832.

Pela manhã nos pusemos a caminho, deixando o esplêndido porto do Rio de Janeiro. Em nossa passagem até o Prata, não vimos nada em especial, excetuando-se um dia em que cruzamos com um enorme cardume de toninhas. O mar por inteiro se achava tomado por elas, constituindo um belo espetáculo à medida que centenas delas, saltitando em conjunto, expondo toda extensão de seus corpos, rasgavam a água. Quando o barco se deslocava a nove nós por hora, estes animais podiam cruzar e recruzar com grande facilidade a proa, para depois se projetar à frente da embarcação. Logo que entramos no estuário do Prata, o tempo se tornou bastante instável. Numa noite escura, fomos cercados por diversas focas e inúmeros pingüins, que produziam sons de tamanha estranheza, que o oficial de vigia chegou a pensar que se tratava de mugidos de gado vindos da praia. Numa segunda noite, testemunhamos uma cena esplêndida de fogos de artifício naturais: o mastro e as extremidades das vergas brilhavam à luz do fogo-de-santelmo, e as pás do catavento quase que descreviam seu traçado, como se tivessem sido esfregadas com fósforo.

O mar estava de tal modo luminoso que os rastros dos pingüins pareciam marcados a fogo, e a escuridão do céu era momentaneamente iluminada pelos mais vívidos relâmpagos.

Recursos de estilo

Para contar melhor

- **Comparações, imagens e metáforas.** É comum comparar algo desconhecido com o que se conhece, para descrevê-lo melhor.
- **Uso de exageros ou hipérboles.** Normalmente, são recursos empregados para impressionar os leitores.
- **Enumerações.** São frequentes, sobretudo nas viagens de cunho científico, nas quais é preciso descrever os lugares de maneira exaustiva.
- **Perguntas retóricas, ou seja, que não esperam uma resposta, que servem para gerar tensão no futuro.**
- **Traços de humor ou de ironia que conferem dinamismo ao relato.**
- **Personificação de objetos inanimados, como o próprio diário, de animais ou de elementos da paisagem.**

Viagem à Patagônia Austral

Francisco Pascasio Moreno

31 de dezembro. Hoje é o último dia do ano de 1876 e o festejamos dignamente com um magnífico guanaco assado e uma boa jarra de chá indígena feito com folhas da perfumada erva Verónica Elíptica.

15 de janeiro. Já consertamos a vela da embarcação. Bem cedo tudo está pronto, os suprimentos já estão embarcados. Atravessamos a tropa de cavalos até a margem norte, que é a escolhida para iniciar o caminho que nos deve levar à Cordilheira dos Andes.

Ao meio-dia, junto com os habitantes da ilha, almoçamos e brindamos ao resultado de nossa viagem. Dizemo-nos que navegar ao pé dos Andes, sulcar com a quilha de nosso bote águas nas quais, até hoje, somente icebergs flutuaram, e agregar conhecimentos da geografia da Pátria, é algo do que não se pode duvidar do momento em que lançamos a embarcação para atravessar o braço principal do caudaloso Santa Cruz.

(Trad. de Gerardo Bartolomé).

Viagem à Patagônia Austral

Francisco Pascasio Moreno

(continuação)

Entre saudações, com as bandeiras hasteadas no mastro sobre a casa da ilha, as salvas de revólveres e os "adeus", chegamos ao lado oposto, onde Isidoro nos esperava com a tropa de cavalos.

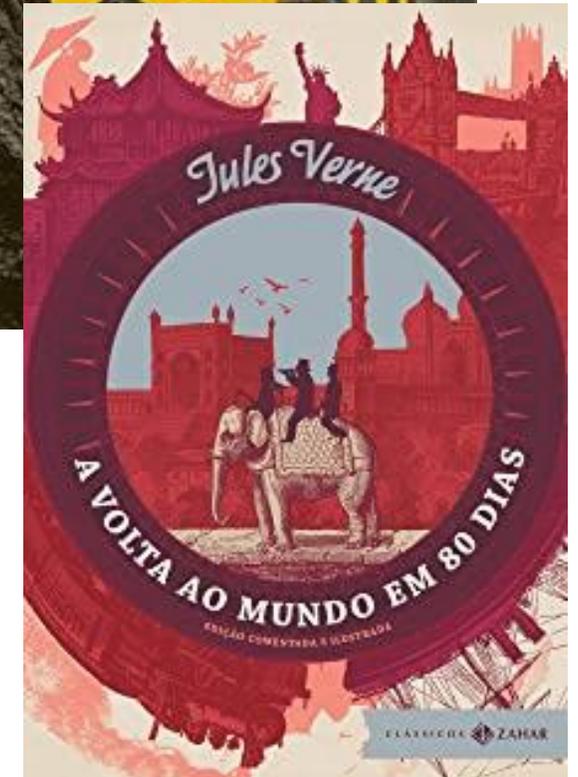
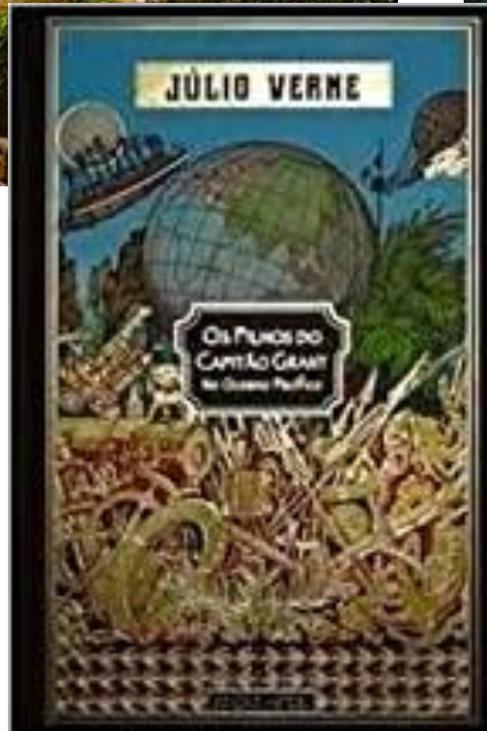
No meu âmago pergunto-me se poderei levar a cabo meu projeto. Terei forças suficientes para isso? Essas são as questões que se agitam em meu espírito sem que possa resolvê-las.

...

15 de fevereiro. Que delicioso despertar! Os ventos da noite se acalmaram; o lago está tranquilo. O fundo da Planície da decepção de Fitz Roy –para nós, um lago grandioso– permanece sonolento, envolto na névoa que anuncia o novo dia. Acima dele, nas alturas, os eternos e mágicos espelhos de gelo que coroam os picos que rasgam, altivos, os véus das brumas, já refletem o sol nascente de nossa bandeira. Mar interior, filho do manto pátrio que cobre a Cordilheira, a vontade humana a partir de hoje chamar-te-á Lago Argentino!

Que o meu batismo te seja propício e que quando as tuas margens se transformem em cimento de cidades, não te esqueças de quem teu nome deu.

(Trad. de Gerardo Bartolomé).



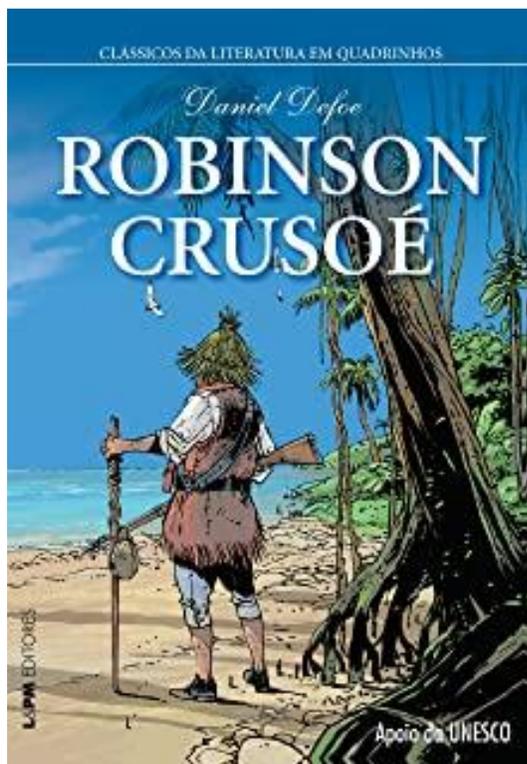
“Eu só vou viajar em sonhos”, Jules Verne

Robinson Crusoe comece seu diário

Daniel Defoe

30 de setembro de 1659. Eu, pobre e desgraçado Robinson Crusoe, depois de naufragar em alto mar durante terrível tempestade, fui atirado a esta triste e miserável ilha, a que dei o nome de Ilha do Desespero. Todos os meus companheiros de viagem se afogaram e eu mesmo quase morri.

Passei o resto do dia preso da maior aflição, em face das sombrias circunstâncias em que me achava. Em verdade, não tinha alimento, abrigo, roupa ou armas, nem lugar para onde ir. Desesperado de qualquer socorro, não via outro destino senão a morte, quer devorado pelas feras, quer chacinado pelos selvagens ou morto de fome, à míngua de sustento. Subi a uma árvore ao cair da noite, com medo das feras, mas ainda assim dormi profundamente, embora chovesse a noite toda.



Deixe seu diário quando a tinta acabou.

1.º de outubro. Vi, pela manhã, com grande surpresa, que o navio se safara com a maré alta, aproximando-se mais da ilha. Isso me alegrou por um lado, porque o fato de não se ter despedaçado e de estar ainda flutuando, me permitiria, talvez, ir a bordo e abastecer-me de alimento e provisões. De outro lado, porém, reavivou-se-me a dor de ter perdido os companheiros de viagem. Tivéssemos ficado a bordo – pensei – e teríamos, talvez, salvo o navio, ou, pelo menos, não teriam eles morrido afogados, como morreram. Se se tivessem salvo, poderíamos com certeza fazer dos destroços do navio um barco que nos levaria a qualquer outra parte. Passei grande parte do dia mergulhado nesses pensamentos. Afinal, vendo o navio quase a seco, caminhei pela praia o mais longe que pude e nadei, em seguida, até ele. O dia continuou chuvoso, mas o vento amainou por completo.

De 1 a 24 de outubro. Consumi todos esses dias em visitas ao navio, donde retirei tudo que pude, para a costa, em jangadas, na enchente da maré. Também choveu muito durante esse período, embora com alguns intervalos de bom tempo. Estávamos, ao que parece, na estação chuvosa.

20 de outubro. A jangada virou com toda a carga que levava. Estava, porém, em águas pouco profundas e, como as coisas eram, na maioria, de grande peso, consegui recuperar muitas quando a maré desceu.

25 de outubro. Choveu a noite e o dia inteiro. Caiu um pé de vento e o navio, a uma rajada mais forte, despedaçou-se, desaparecendo. Apenas destroços deram à praia. Levei todo o dia cobrindo e protegendo os bens que salvara, para que a chuva não os estragasse.

26 de outubro. Explorei o litoral o dia inteiro, procurando um lugar para residir. Preocupava-me muito defender-me contra qualquer ataque, fosse de animais ferozes ou de selvagens. À noite encontrei um rochedo e tracei um semicírculo para meu acampamento. Resolvi fortificá-lo com uma construção, muralha ou paliçada de estacas duplas, reforçada internamente por meio de cabos, e protegida pelo lado de fora com um aterro relvoso.

De 26 al 30, trabalhei exaustivamente, transportando todos os meus haveres para a nova morada, embora tivesse chovido muito durante parte desse tempo.

ESTRUTURA DO DIÁRIO DE VIAGEM

Partida

- Na primeira entrada, costuma-se anotar: o objetivo da viagem, a duração prevista, o percurso planejado, se é uma viagem solitária ou acompanhada e outros dados necessários para compreender a situação inicial

Roteiro

- No corpo do diário, são relatados os acontecimentos que ajudam a cumprir o objetivo da viagem ou que o dificultam, ordenados cronologicamente e assinalando a localização geográfica de cada fato narrado ou espaço descrito

Conclusão

- O diário costuma terminar juntamente com que a viagem, com uma apreciação geral do vivenciado pelo seu autor.

Um explorador começa seu diário

Jorge Accame

Há pouco, uma senhorita que chamarei Elisa Villagarcía, proporcionou-me o diário escrito por seu avô (já morto) na selva paraguaia, enquanto se desempenhava como explorador para o exército boliviano durante a guerra dos '32.

Tirei todas as referências pessoais. Descontando alguns ajustes literários que considere convenientes, o texto é substancialmente o mesmo.

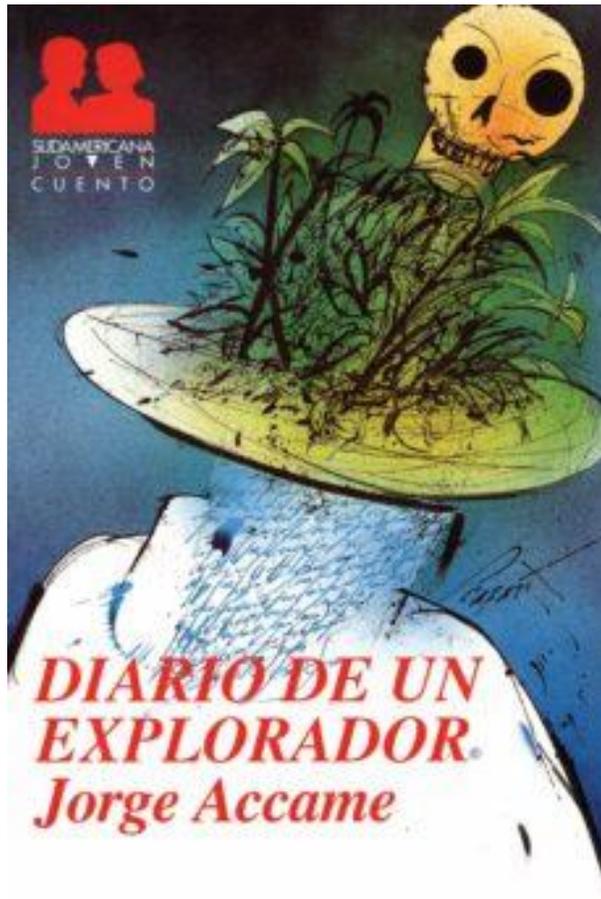
Primeiro dia

Sou o tenente primeiro Ernesto Villagarcía, à frente de um grupo de exploradores encarregado de achar o caminho mais direto e menos trabalhoso até C. Meus homens são: Tobias, um índio *mataco* raquítico; Abel Nieve, um gigante de dois metros, corpulento e calvo, parece um enorme joelho preso em um uniforme militar; Agamenón e Teófilo Sánchez, dois gêmeos idênticos que falam de forma sincronizada, como se pensassem as mesmas coisas exatamente ao mesmo tempo; por último, Cancio Cruz, o caçula do pelotão, ignora sua data de nascimento, mas ele não deve ter mais do que 17 anos.

Ontem saímos do acampamento militar e penetramos na selva.

Vi pelo menos três pássaros que não conhecia até o momento. Perguntei sobre eles ao *mataco*, que é nosso guia; ele me disse os nomes em sua língua nativa e já nem me lembro.

Vigília da noite: Agamenón Sánchez, sem novidades. Hoje é a minha vez.



**Durante a expedição,
sucedem coisas
estranhas e terríveis**

Quarto dia

Noite tranquila.

Já estamos bem longe do nosso último acampamento militar. Às vezes, por onde passamos aparece uma pequena trilha. Durante um bom trecho se perde e volta a aparecer. À tarde, Tobias encontrou algo e nos chamou. Era um esqueleto branco e opaco, de ossos fortes mas delicados, como se fosse um pássaro grande.

Perguntei ao mataco de quem podia ser.

Ele respondeu que estávamos no território dos pitáyovai e que o esqueleto pertencia a um deles. É uma raça que não enterra nem queima seus mortos.

Já havia escutado antes o nome destes índios, mas nunca tinha me deparado com nenhum deles. Olhei minha tropa.

Tobias contou que são uns homenzinhos que caem das árvores com seus machados de dois gumes talhados em pedra. Matam as pessoas e as comem.

Fez-se um silêncio intenso. Teria gostado de poder indagar mais, mas achei que insistir sobre o tema podia nos prejudicar e a selva não é um bom lugar para ficar nervoso.

Ao final das contas, não tem nenhuma importância. Há muitos raças de índios por aqui: chiriguanos, chorotes, chulupíes, matacos, tobas, quase todos pacíficos.

Fico tranquilo em saber que carregamos armas e balas suficientes para enfrentar qualquer perigo.

De plantão, Abel Nieve.

Assim terminam a expedição e o diário

Décimo primeiro dia

Amanhã, se Deus quiser, chegaremos ao acampamento militar. Ontem empreendemos o regresso. Tomei a decisão de não continuar a viagem de reconhecimento. De todos modos, não é um passo aconselhável para nosso exército.

Pitáyovai. Quando fazemos uma pausa para descansar e cabeceio um breve sono, aparecem as imagens de suas pegadas sobre o lodo. Então, acordo agitado, com suor frio. Será possível que não tenham dedos nos pés? Talvez seja um truque que conseguem mediante algum instrumento fabricado por eles.

O *mataco* Tobias nos abandonou assim que pisamos terras conhecidas.

Cancio e eu somos os únicos sobreviventes do grupo. Em nossos corações, não há a menor dúvida de os demais pereceram e de que não pudemos fazer nada para ajudá-los. Ninguém teria podido. No entanto, sentimos culpa, como se os tivéssemos abandonado. Devo me convencer: a única culpada é a selva, morreram vítimas de um fenômeno natural. Os *pitáyovai* são um fenômeno natural neste mundo, tão natural como um terremoto ou um furacão.

Enquanto toco o contorno do machado de pedra em meu alforje, penso no que direi a meus superiores: não acreditarão em mim se lhes contar o que aconteceu realmente. O mais sensato será dizer que fomos atacados pelo inimigo e que tivemos três baixas. O inimigo é uma coisa fácil de entender durante uma guerra. Com certeza, pensarão que digo a verdade.

Imaginando a viagem

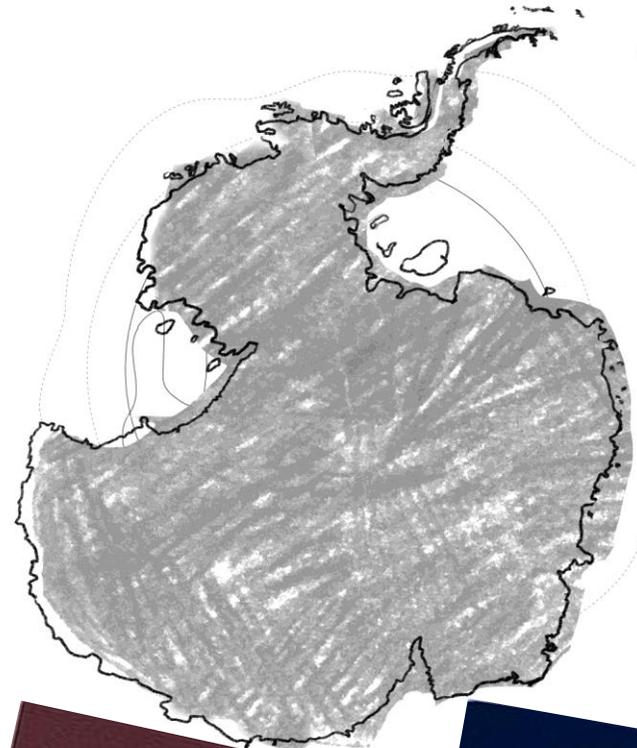
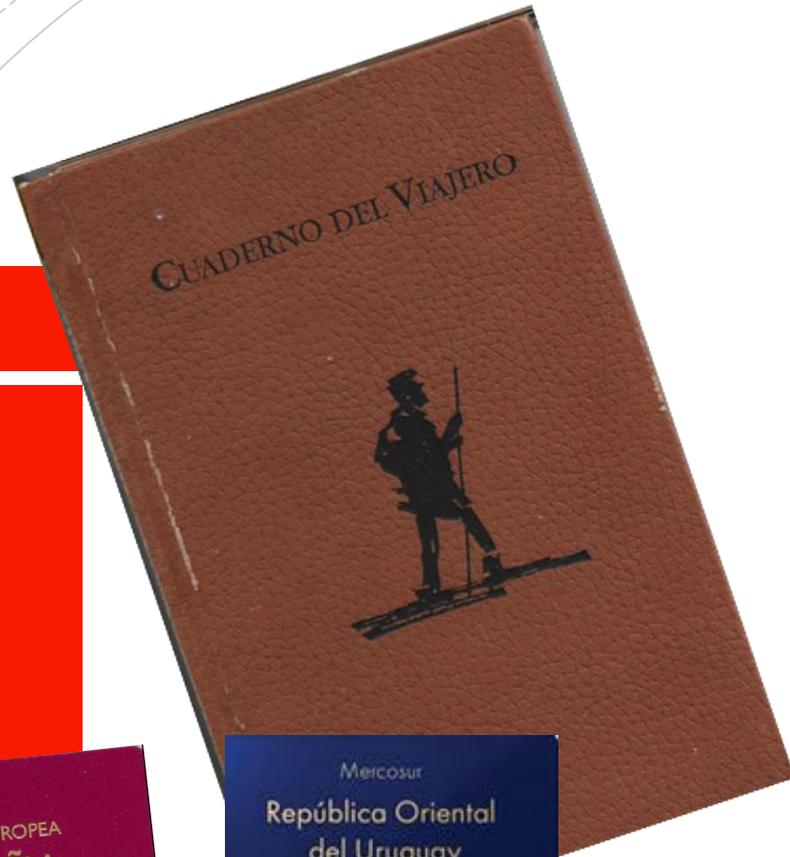
Eixos temáticos

- Mudança climática
- Ecossistemas antárticos e sua biodiversidade
- Arquitetura e hábitat antárticos
- Atividade turística

A Antártida é a maior região despovoada da terra não atingida por atividades realizadas, em grande escala, pelos seres humanos. Em conformidade com sua condição, este meio ambiente, único e prístino, recebe proteção especial. Além disso, esta área se encontra distante de outros lugares fisicamente, é inóspita, imprevisível e potencialmente perigosa.

Guia para os visitantes da Antártida

Convém levar



(bibliografia)

- ESTÉBANEZ CALDERÓN, D. (1999) *Diccionario de términos literarios*. Madrid: Alianza.
- COLOMBO, Cristóvão (s/d) *Diários da descoberta da América*. Trad. de Milton Persson. São Paulo: L&PM.
- DARWIN, Charles (2008) *Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Parte 1: África, Brasil e Terra do Fogo*. Trad. de Pedro Gonzaga. São Paulo: L&PM.
- DEFOE, Daniel (2000) *Robinson Crusoe*. Trad. de Costa Neves e Flávio Poppe de Figueiredo. Madrid: Ediouro.
- FRANK, Anne (2003) *O diário de Anne Frank*. Trad. de Elia Ferreira Edel. São Paulo: Círculo do Livro.
- GÁLVEZ, Lucía (2008) *O diário da minha avó*. Buenos Aires: Ponto de leitura. Trad. de Mariana Alcobre.
- MORENO, Francisco P. y Gerardo Bartolomé (2019) *Yo el Perito Moreno. Cartas, libros y escritos del famoso explorador patagónico*. Buenos Aires: Ediciones Históricas.



Esta foto de um Autor desconhecido foi publicada sob licença [CC BY](#)



Diários de viagem - **Prêmio Antártica**
Concurso de escrita e ilustração

Este material corresponde ao PRÊMIO ANTÁRTICA - DIÁRIOS DE VIAGEM organizado pela Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e a Secretaria das Malvinas, Antártica e Atlântico Sul do Ministério das Relações Exteriores da República Argentina

A reprodução é autorizada desde que a fonte seja mencionada:

Prof. Teresita Valdetaro (2021) Introdução ao diário de viagem
(Material didático. OEI. Buenos Aires. Argentina).

OEI



Secretaría de Malvinas,
Antártida y Atlántico Sur



Ministerio de Relaciones Exteriores,
Comercio Internacional y Culto
Argentina